

Jornal da FAED

Informativo do Centro de Ciências da Educação da UDESC - ano II - nº 11 - abril de 1996

EDITORIAL

Mestrado: conquista e desafio

No início do atual semestre, o principal fato político-pedagógico na FAED é, sem dúvida, a implantação do Mestrado em Educação e Cultura, que além do Centro de Ciências da Educação, envolve o CEART e o CEFID. Ele provoca um novo olhar histórico sobre a FAED, como instituição de ensino superior, que engendra seu(s) cenário(s) futuro(s).

O Centro de Ciências da Educação foi fundado nos anos sessenta, com o estabelecimento do CEPE e do Curso de Pedagogia. Na década seguinte ampliou-se com a criação do Curso de Biblioteconomia, Estudos Sociais e Educação Artística; nos anos oitenta perdeu este último com a criação do CEART, ganhou os Cursos de História e Geografia e passou a verticalizar seus cursos com a implantação das especializações. Mas, nesta década, a FAED não conseguiu acompanhar a tônica nacional, ou seja, a implantação do mestrado. E nem a UDESC, pois o seu primeiro mestrado foi instalado no ano passado pela FEJ (teria sido a nossa década perdida? Por quê?).

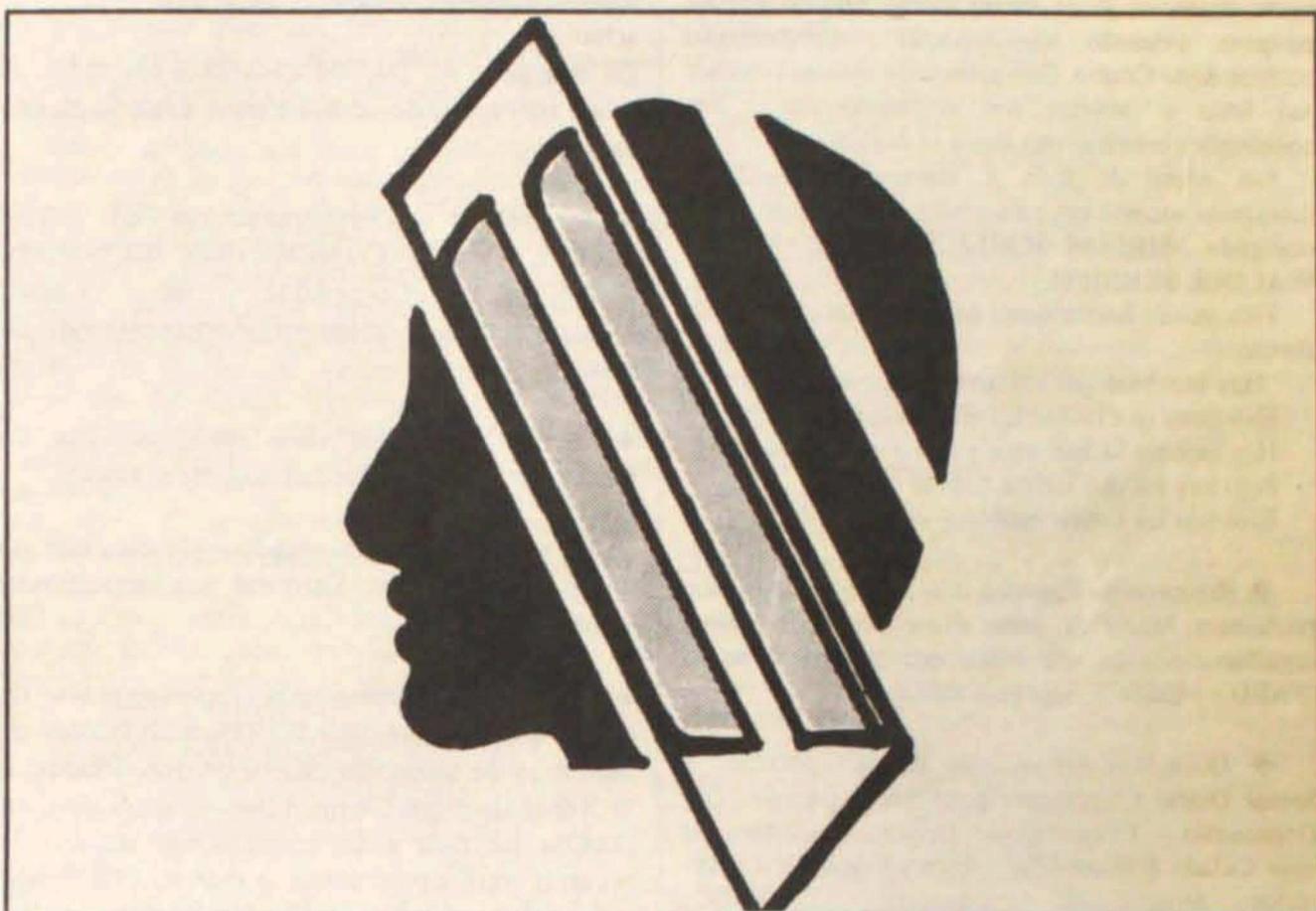
Agora, nos anos noventa, o mestrado tornou-se realidade graças à decisão política da Direção e ao trabalho sistemático e aguerrido da comissão de implantação deste curso. E, de fato, uma conquista que inaugura uma espécie de "terceira onda" pedagógica, que produzirá impacto significativo no ensino e sobremaneira na pesquisa e extensão.

Entretanto, o curso de mestrado tem o desafio de consolidar como centro de excelência no cenário brasileiro e por que não mundial, afinal, estamos compulsoriamente globalizados, numa espécie de Internet universitária. Para tanto, é imprescindível o estabelecimento e a afirmação de linhas de pesquisa interdisciplinares e coletivas, fazendo ressurgir, feito fênix, o CEPE com as tensões e demandas deste "fin-de-siècle", especialmente a consolidação da cidadania. Por outro, a capacitação docente em nível de doutorado apresenta-se como necessidade permanente e indiscutível.

Enfim, o desafio está lançado e é coletivo.

Prof. Norberto Dallabrida

Tiragem desta edição: 1000 exemplares



Logotipo do VIII ENDIPE

VIII ENDIPE

O oitavo Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino será realizado de 07 a 10 de maio, na UFSC e no Clube Paula Ramos. Leia maiores informações na página 7.

IDELEI SALVATTI:

Em entrevista ao JF, a Deputada Estadual e ex-presidente do SINTE analisa a questão do teto salarial e fala da educação em SC (página 3).

DEBATE:

Os ensaios desta edição versam sobre o Estágio Supervisionado e a comida açoriana. Alimente-se nas páginas 4 e 5.

A DIREÇÃO INFORMA

→ Neste mês de março a FAED perde, através do "benefício" (?) da aposentadoria por tempo de serviço, dois grandes colaboradores. Dois professores cujas ausências já se fazem sentir, seja no ensino, pesquisa, extensão, administração e representação política deste Centro. Deixaram suas marcas pessoais nas lutas e projetos que empreenderam e nas construções coletivas nas quais se engajaram.

Em nome de toda a comunidade faediana, desejamos sucesso em seus novos empreendimentos e obrigado MIRIAM SCHLICKMANN, obrigada WALDIR BERNDT!

Fica nossa homenagem nas palavras de Bertold Brecht:

"Hay hombres que luchan un día y son buenos
Hay otros que luchan un año y son mejores
Hay quienes luchan años y son muy buenos
Pero hay los que luchan toda la vida
Esos son los imprescindibles", como vocês.

→ Retornou da Espanha com título de doutora a professora Maria de Jesus Nascimento. Parabéns, orgulhamo-nos do seu êxito, que também é nosso (FAED e UDESC). Seja bem vinda!

→ Durante todos os dias do mês passado, o Jornal Diário Catarinense publicou o encarte "DC Domumento - Florianópolis: Origens e Destino de uma Cidade à Beira-Mar". Esta publicação contém vários artigos de professores da FAED, principalmente do Curso de História, e teve a consultoria historiográfica do Professor Luiz Felipe Falcão. O encarte é um sucesso e a FAED marcou presença. Parabéns.

→ No dia 07 de março p.p., a comunidade da FAED teve o prazer de assistir à apresentação do Grupo Rastafari. Esta programação visou uma recepção festiva aos calouros. Os organizadores, Gláucia de Oliveira Assis, Luiz Felipe Falcão e Paulino de Jesus Francisco Cardoso, estão de parabéns pela iniciativa.

Expediente

Centro de Ciências da Educação - FAED
Diretor Geral: Maria da Graça Soares
Diretor Assist. Ensino: Norberto Dallabrida
Diretor Assist. Pesquisa e Extensão: Ione Roberto Valle
Secretária Geral: Maria Selyete Granzoto Duarte

Jornal da FAED é uma publicação mensal do Centro de Ciências da Educação da UDESC. Rua Saldanha Maranhão, 196, Centro, Florianópolis - SC, CEP 88010-450 - Fone (048) 222 5722 - Fax (048) 222 5356 - E-mail F4JC@NPD.UDESC.BR

CONSELHO EDITORIAL

Norberto Dallabrida, Enio Luiz Spaniol, Fernando Moreira, Jairo Cardoso e Alzemi Machado

Jornalista Responsável: Enio Luiz Spaniol (DRT 962/SE)
Diagramação: Jairo Cardoso

Artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

Erramos:

Na edição anterior do Jornal da FAED, no qual o DAOM apresentou seus integrantes, não constou o nome do 1º Secretário Maurício Luiz Quirino.

DAOM

DIRETÓRIO ACADÊMICO OITO DE MAIO

O que você espera do Diretório Acadêmico?

Fale, conquiste seu espaço, ele é seu.

Os membros do DAOM estiveram em todas as salas, apresentando-se aos alunos e dando alguns recados:

♦ A escolha de representantes do corpo discente para o CONCENTRO, CONSEPE, CONSUNI, Colegiados de Curso, Departamentos e além de Representantes de classe

♦ O DAOM possui uma urna, próxima ao mural, para você deixar sua sugestão. Use-a.

♦ Se você tem algum recado e deseja fixar no mural, procure-nos. Faremos um classificado semanal.

♦ O DAOM solicita aos representantes de classe que compareçam em nossa sede com os cadastros de alunos devidamente preenchidos, e as folhas de sugestões e reclamações. A sede do DAOM foi reformada e temos um quadro de horários para atendimento, o mesmo está fixado no mural. Venham nos visitar!

♦ Estamos nos empenhando para ajudar a resolver algumas questões referentes à informática, bar, cópias etc...

♦ Em conversa com a responsável do bar, ficou acordado que as reclamações serão atendidas, se forem coerentes e tivermos condições de resolver.

♦ O Márcio, da Casa das Cópias, ganhou a licitação e continua conosco. Parabéns!

♦ Estamos negociando valor das cópias para alunos.

♦ A oficina de Encadernação, Recuperação e Conservação do Acervo Bibliográfico, programada para a semana do Bibliotecário, foi adiada devido a enchente no CEART, será comunicada uma nova data, ainda este semestre.

♦ Parabéns aos futuros formandos de Pedagogia pela iniciativa de lutar pelos seus direitos e também à Direção deste Centro, por recebê-los bem e instruí-los.

"Campanha de Conscientização do Uso de Drogas e Prevenção da AIDS" - 08 a 12/04
"Campanha do Alimento" - 18/03 a 12/04
Casa da Liberdade e Lar Recanto da Esperança.

**O DAOM não é dos seus membros de chapa, mas de todos. Usem-no.
GESTÃO AÇÃO**

DO LEITOR

Senhores Editores:

Parabenizamos esta equipe pela iniciativa em abordar, a partir deste número (março de 1996), diversas reportagens, entrevistas e artigos com assuntos predominantes no nosso meio cultural.

Neusa Rosane Damiani Nunes
Gerente do Arquivo Público

Sintonia AM

NOTA DA REDAÇÃO: até o fechamento desta edição, o colunista Alzemi Machado não entregou a coluna.

☺ ☺ ☺

PEIXE DA PREGUIÇA

Numa forma:

Primeira camada de cebolas, em rodelas;

Segunda camada de filé de pescada.

Colocar no forno quente, por 15 minutos.

Terceira camada de queijo *muzzarella*;

Quarta camada de creme de leite (uma lata);

Quinta camada de queijo ralado

Voltar ao forno, até dourar o queijo

MOLHO DA PREGUIÇA

200 gramas de ricota;

4 dentes de alho (triturados no liquidificador)

Azeite de oliva;

Sal a gosto.

NEGA MALUCA

2 xícaras de farinha de trigo

1 xícara de nescau

1 xícara de óleo de soja

1 xícara de água fervente

Misturar todos os ingredientes e, no final, misturar uma colher de sopa de fermento royal.



IDELI: "O TETO ATUAL É UMA PIADA"

Enio Luiz Spaniol & Linete Martins

Uma pedra no sapato do governador do Estado", dizem seus opositores. "Um suporte das lutas e reivindicações populares", dizem seus partidários. Ela é Ideli Salvatti, 44 anos, a única mulher com assento nas 40 cadeiras da Assembleia Legislativa. Profissão: professora de matemática e física.

Ideli tem uma longa história de luta ativa pela Educação catarinense. Como sindicalista, foi duas vezes presidente do Sindicato Estadual da Educação (Sinte) e participou como integrante da diretoria em mais uma gestão. Liderou inúmeras greves do magistério estadual. E tem mais: Ela lidera, pelo segundo ano consecutivo, a Bancada dos cinco deputados do PT na Assembleia Legislativa. Tem-se destacado por projetos na área da Educação, por pronunciamentos embasados em dados reais sobre a situação educacional e por suas críticas frontais e contundentes ao Governo do Estado e ao secretário da Educação. Ela tem enfrentado, no plenário da Assembleia Legislativa, nas comissões técnicas da Casa e em reuniões como os deputados (homens), os defensores do Governo.

Eis a entrevista concedida pela deputada Ideli Salvatti ao Jornal da FAED:

J.F. - Quais foram suas principais realizações, especialmente na área da educação, neste início de mandato?

IDELI - Eu fui vice-presidente da Comissão de Educação da Assembleia, inclusive fui reeleita agora, e esse trabalho foi bastante intenso. Primeiro, nós acompanhamos todos os processos de negociação com o Governo do Estado, durante a greve do Magistério e, posteriormente, as consequências da greve. Fizemos intervenções em situações de conflito em colégios, fundações educacionais e colégios profissionalizantes. A Comissão de Educação realizou três seminários, dois para tratar do ensino na área rural e um seminário sobre as questões educacionais que estão tramitando no Congresso Nacional: A LDB (Lei de Diretrizes de Bases) e a Emenda Constitucional PEC (Projeto de Emenda Constitucional) 233, através das quais o presidente Fernando Henrique Cardoso quer fazer todas as mudanças como a perda da autonomia das universidades, a transformação das universidades públicas e gratuitas em universidades privadas e retirar a responsabilidade do ensino pré-escolar e de segundo grau da esfera dos Estados e Municípios.

J.F. - Especificamente o pacote da tentativa de Reforma Administrativa do Governo do Estado, no início deste ano, como avalia?

IDELI - O pacote de Paulo Afonso segue exatamente a cartilha neoliberal de Kleinübing e da sua ala. É uma proposta que, primeiro tenta colocar no funcionalismo público a culpa e a responsabilidade de todos os males do Estado, como se eles não tivessem governado o Estado por décadas e feito todo o inchaço, toda a contratação irregular sem concurso, todo o beneficiamento aos grupos econômicos em detrimento dos setores fundamentais como saúde, educação, via de transporte, escoamento de produção, agricultura. Em segundo, busca implementar junto com a reforma ações no sentido de sobrar dinheiro para continuar privatizando os recursos do Estado. Como exemplo, temos o projeto da Invesc, onde as ações da Celesc já foram colocadas à venda no mercado e, agora, vão as ações da Casan.

Outro mecanismo de privatização dos recursos do Estado, são os benefícios concedidos aos empresários sejam através do Prodec, onde o ICMS fica retido pelo empresário durante, praticamente, 10 anos, sendo desenvolvido depois em parcelas muito suaves e totalmente subsidiadas. E os grupos econômicos que são beneficiados com vista grossa à sonegação, anistia, parcelamento de dívidas ou projetos como o Prodec, são normalmente vinculados ao financiamento das campanhas ou grupos econômicos dos quais os governantes antigos e atuais tenham vinculações familiares ou político-ideológicas.

J.F. - Como o Estado deveria tratar a Educação?

IDELI - O tratamento não pode ser aquele que Paulo Afonso deu e que os governos todos vêm dando, que é

prioridade no palanque e depois, quando sobem ao poder, não destinam os recursos e não dão tratamento adequado. No caso de Santa Catarina, o orçamento que nós votamos, no ano passado, para vigorar este ano, dá uma medida exata de como é que foi tratada a Educação. Dos mais de 700 milhões previstos para investimento, a Educação não chegava a ter nem 5%.

Além do percentual para investimento ter sido ridículo, o cumprimento da Constituição do Estado, que obriga a aplicar, no mínimo, 25% dos impostos arrecadados em Educação, não é cumprido no orçamento de 95, nem no deste ano. Eles incluem de tudo, inclusive dinheiro para outras redes, outras esferas como fundações educacionais, auxílio às prefeituras, bolsas de estudo para a iniciativa privada no segundo grau e, também, o pagamento dos inativos. Portanto, se descontar todos esses investimentos, o que sobra para aplicar na Rede Estadual de Ensino, é apenas 17% dos impostos arrecadados.

J.F. - Como é o seu projeto que fixa o teto salarial dos servidores do Estado? Quais são as implicações. Quem será atingido?

IDELI - Em primeiro lugar, é importante ficar bem claro que o PT e eu não temos nenhum projeto de teto. O teto



está estabelecido pela Constituição, tanto Federal quanto Estadual. Está escrito com todas as letras na Constituição que nenhum servidor pode ganhar de remuneração - a qualquer título - mais do que o secretário de Estado no Poder Executivo, mais do que o desembargador, no Poder Judiciário e mais do que deputado no Poder Legislativo. Portanto, esse teto já existe, é o teto da constituição, não é do PT, não é meu.

O que ocorreu, foi a seguinte questão: o governador Paulo Afonso, no mês de janeiro, resolveu fazer um corte linear no salário de todos os servidores públicos. Ele baixou um decreto, retirando mensalmente um percentual de salário, variável, para que a folha se adequasse aos 65% da receita líquida disponível. E, nesse mesmo decreto, ele estabeleceu também que tudo aquilo que os servidores ganhassem, além de R\$ 6 mil, seria cortado. O PT recorreu ao STF com uma ação direta de inconstitucionalidade, na qual nós fomos vitoriosos. O STF reconheceu que o decreto do governador era inconstitucional. Isso porque o salário do servidor é irredutível. O Governo não pode cortar, fazer o desconto de nenhuma parcela de salário do servidor - nem a partir de corte linear, nem a partir dos R\$ 6 mil. Nesta mesma liminar que o STF nos concedeu no mês de janeiro, o ministro foi muito claro. Ele reafirmou o princípio da Constituição de que nenhum servidor pode ganhar mais do que o salário de secretário de Estado (R\$ 1.800), a não ser vantagens pessoais (triênio, salário família). São vantagens que o servidor ganha, não pelo cargo que ocupa, mas pela sua condição pessoal.

J.F. - E o que aconteceu depois dessa primeira vitória do PT no STF? Por que o PT entrou com nova ação de inconstitucionalidade?

IDELI - Em seguida à primeira vitória nossa no STF, o governador começou a fazer imensas ameaças de demissão de servidores - naquela ótica de que o servidor é o culpado de todos os males do Estado. Nós entendemos que deveríamos ir para a ofensiva e provocamos uma nova ação direta de inconstitucionalidade numa questão que o Paulo Afonso não quis comprar, que é a questão dos altos salários. Nós tínhamos informações de fontes seguras, através de relatórios, que há servidores no Estado que chegam a ganhar mais de R\$ 20 mil por mês. A nossa ação questionou o STF, se determinadas gratificações de cargos poderiam ser pagas por fora do teto - ou seja, além do valor de secretário. Essa segunda ação foi em cima de nove gratificações. O STF declarou, então, que é inconstitucional pagar por fora do teto (que fique bem claro: não é a gratificação que é inconstitucional, mas excluí-la do teto): a gratificação de 90% para os cargos comissionados, concedidos pelo governador no ano passado; a gratificação de 68% para os delegados de polícia e aos oficiais da Polícia Militar; a gratificação (retribuição complementar variável) dada aos fiscais da Fazenda e procuradores; a gratificação de atividade fazendária; e a gratificação pela opção do cargo de maior vencimento, seja efetivo ou seja cargo comissionado. Essas gratificações atingem apenas a 5 mil pessoas, que representam 4% dos servidores. Essas pessoas, num universo de 97 mil funcionários pagos pelo Executivo, ficam sozinhas com 30% da folha.

J.F. - Como ficou o teto salarial, então?

IDELI - Bom, essa segunda ação do PT serviu para duas questões: desmascarar que não existe teto, que é uma piada e não limita o salário de ninguém - tanto que tem gente recebendo mais de R\$ 20 mil. A outra questão, que também ficou desmascarada, é que o teto não é salário de secretário, porque não tem secretário que ganhe somente R\$ 1.800, já que esses cargos são ocupados por pessoas que na maioria das vezes vem de outros setores do funcionalismo e optam pelo salário de outras funções que exerciam no Estado. A questão mais séria que surgiu com a discussão do teto, é que Paulo Afonso não vai poder mexer no teto, se não mexer no piso. E a injustiça da folha, onde 45 mil servidores ganham até R\$ 500 e 92 mil servidores ganham até R\$ 1.800, veio a público. E coloca que para Paulo Afonso a questão da injustiça, onde uma grande maioria que trabalha, pega pesado na educação, saúde, segurança, são os pobres, os miseráveis do funcionalismo. E apenas uma pequena parcela é de beneficiados.

"Esse teto já existe, é o teto da constituição, não é do PT, não é meu"

J.F. - Como será a ação da Justiça nessa questão do teto salarial?

IDELI - A liminar está concedida, o governador não cumpriu agora, no salário de fevereiro, com a desculpa de que a publicação da decisão foi posterior à data de pagamento, mas deverá cumpri-la no mês de março. Caso ele não cumpra a liminar, não resolve a questão do teto do mês de março, ele estará sujeito a um pedido de intervenção federal no Estado. Esse pedido já está em andamento por causa do atraso do pagamento dos salários - deu entrada dia sete de fevereiro no TJ pelo Sintespe. O desembargador, que está cuidando desse processo do atraso de pagamento, já declarou que se ocorrer novo atraso, agora no mês de março, as contas serão bloqueadas. Portanto, o descumprimento da liminar do teto, poderá também causar não só o bloqueio das contas do Estado, como a agilização do processo de intervenção do Estado. O governador Paulo Afonso, apesar das declarações desastradas da secretária da Administração, Hebe Nogara, de que nós tínhamos feito um grande favor a eles com a ação a respeito do teto, o que nós fizemos, na realidade, foi criar uma situação que governador tem que resolver, que é estabelecer um teto. E ele não vai poder estabelecer um novo teto, sem mexer no piso.

RECORTES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA UMA REFLEXÃO EM TORNO DA FORMAÇÃO DO EDUCADOR/SUPERVISOR

Professoras Gladys Mary Teive Auras & Zenir Maria Koch

Entendendo que a formação do educador só se consolida com sua experiência, que tem um de seus momentos mais fortes no estágio supervisionado - com a observação do mundo cotidiano da escola mediado pelos conhecimentos teóricos e pela pesquisa -, as professoras Gladys Teive Auras e Vilma Araújo, da habilitação Supervisão Escolar, vêm fazendo, integradamente, com a professora da disciplina de Planejamento Educacional, Zenir Koch, esta articulação necessária para a melhor compreensão da realidade em que vão atuar.

Assim, foi realizado o estágio supervisionado da turma de Supervisão Escolar 1995/2, que além de servir de local para a prática do futuro profissional da educação, assumiu papel significativo como espaço de produção de conhecimento na área da pedagogia escolar, numa perspectiva de pesquisa do cotidiano da escola.

Nesta ótica, a idéia-base do trabalho foi a de tornar o aluno um analista/pesquisador da cultura do local estagiado, ou seja, um pesquisador na ação. É interessante frisar que o enfoque na pesquisa do cotidiano escolar significou para nós (alunos, professores e agentes do processo educativo) estudar a escola em sua singularidade, sem, contudo, desvinculá-la de suas determinações sociais mais amplas.

Essa idéia traz subjacente uma concepção que se contrapõe a visão tradicional de estágio nos cursos de formação de professor, historicamente entendido como o "pólo prático" do curso dissociado do teórico. Nessa

dimensão estritamente prática, a formação do educador é realizada sob o entendimento de que teoria e prática são pólos isolados e antagônicos.

Entendendo que teoria e prática são indissociáveis, acreditamos ser o estágio, na formação do educador, e no caso específico do supervisor, uma atividade teórico/prática de conhecimento e estabelecimento de finalidades, que pode constituir-se numa atividade instrumentalizadora da práxis educacional.

O momento do estágio é entendido, portanto, como uma forma de trazer a realidade concreta para ser refletida na academia, ampliando a percepção que os alunos têm dessa realidade, contribuindo não apenas para que a conheçam, no sentido de que tomem posse dessa realidade, apropriando-se intelectualmente dos fatos que constituem o dia a dia escolar, mas, sobretudo, como processo que contribui para que os alunos pensem/reflitam sobre essa realidade, desentranhando a inteligibilidade de uma experiência que se oferece como matéria para o trabalho da reflexão.

Esse entendimento do estágio como aproximação e reflexão da realidade, em que o futuro supervisor/educador deverá atuar, exige que o aluno se coloque frente à instituição escolar numa atitude ao mesmo tempo de observação e participação. Assim, na medida em que o estagiário vai-se integrando no universo escolar, através de uma "imersão" no seu cotidiano, incorpora conhecimentos que lhe permitem uma aproximação cada vez maior com esta realidade.

O estágio constitui-se, dessa forma, num espaço de produção de conhecimentos com resultados bastante positivos na formação do educador. Nesse sentido, é elogiável a formação do grupo de supervisores da turma 95/2 da FAED, pelos resultados do aprendizado teórico-científico apresentados no concurso público da Secretaria Municipal de Educação, bem como no Seminário Final de Estágio.

O desempenho alcançado por este grupo foi algo gratificante, por corresponder às expectativas das professoras orientadoras, que apostaram e investiram na formação de um novo profissional da educação, mais especificamente do supervisor escolar.

Acreditamos que os estudos desenvolvidos, como trabalho de conclusão de estágio, merecem ser aqui divulgados, não só pela relevância dos temas tratados, mas, sobretudo, pela análise teórica apresentada e caminhos apontados para o trabalho cotidiano escolar. Tais estudos serão publicados resumidamente neste jornal, na forma abaixo:

Estágio 1 <i>Avaliação: uma prática em questão</i>
Estágio 2: <i>Repensando a disciplina na escola</i>
Estágio 3 <i>Conselho de Classe: processo ou encaminhamento?</i>

ESTÁGIO 1 - Avaliação: uma prática em questão

Alessandra Turnes - Carmen de Souza - Deyze Turnes - Eliane Conceição - Isabel Bragagnolo - Karla Vidal - Sylvia Nunes Pires

As idéias aqui expostas constituem-se no resultado do nosso estágio em Supervisão Escolar, realizado sob a forma de pesquisa-ação no Colégio Estadual Jurema Cavallazzi, no período noturno.

Esta escola no ano de 1992 iniciou um processo de mudanças no seu sistema de avaliação. Estas mudanças ocorreram, segundo nos foi informado, porque os professores e a equipe técnica perceberam que "não ensinavam mais" e que "os alunos estudavam apenas para passar de ano e não para aprender". Percebia-se que a avaliação era classificatória, repressiva, autoritária, de cunho tradicional. Na época queriam mudanças rápidas, então fizeram algumas modificações, como não marcar a data das provas e não dar as notas, na tentativa de impulsionar a mudança de postura de professores e alunos frente ao sistema de avaliação. A nossa opção pelo Colégio Estadual Jurema Cavallazzi deu-se pelo fato deste encontrar-se num período de "ebulição" e por ter solicitado à universidade estagiários para auxiliar no processo. Como já tínhamos um referencial teórico satisfatório sobre o tema "avaliação", nos interessamos, de imediato, pelo desafio, na perspectiva de contribuir, de alguma forma, para a construção de uma escola verdadeiramente democrática. Iniciamos nossa pesquisa a partir de observações do cotidiano da escola e da pesquisa documental (em relatórios de estágios anteriores e material produzido pela escola) e, concomitantemente, buscamos reforçar nossa base teórica sobre o tema, estudando desde os autores mais tradicionais no campo da avaliação, como Bloom, Hastings, Madaus e Tyler até os mais progressistas, como Paulo Freire, Hoffman, Luckesi, Enguita, Vygotsky, Saul, Vasconcellos, Ludke, etc, que enfatizam a avaliação numa perspectiva mais qualitativa. Nos propusemos a estudar estes referenciais, na tentativa de buscar compreender a prática docente/discente em curso na escola, as concepções de avaliação, de educação e de fracasso escolar subjacentes a estas práticas, bem como, a relação teoria/prática e conteúdo/forma, com o intuito de discutir e refletir sobre as situações constatadas, visando o aprofundamento e a

busca de alternativas para o processo de avaliação da escola, que nos parecia estar um pouco confuso e problemático. Com o projeto concluído, partimos para a elaboração dos instrumentos de pesquisa. Elaboramos questionários para alunos e professores e entrevistas para professores, especialistas e direção.

Convém salientar que pesquisamos a maioria dos alunos do período noturno e uma parcela considerável de professores do mesmo período, buscando, dessa forma, obter o máximo de informações sobre o novo projeto em curso, tal como: o entendimento que os sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem possuíam acerca do mesmo, o engajamento dos diferentes segmentos da escola, desde o momento da concepção do projeto até a sua implantação, as mudanças ocorridas a partir da implantação do mesmo, a aceitação e adoção da proposta em sala de aula, a reação, expectativas e sentimentos dos alunos em relação à mudança estabelecida, as atividades desenvolvidas, avanços e limites do novo projeto, além de outras informações. Desde o início estávamos preocupadas em desvendar onde realmente residia o problema da

escola, buscando ir além do aparente problema com a avaliação escolar. Um dos professores relatou-nos que "a avaliação não é um produto, mas um meio. Se a avaliação está errada, existem outras coisas que estão, como metodologia e conteúdo. Todos querem resolver o final e não o processo". Acreditamos que a avaliação constitui-se num importante componente curricular e que o ponto nodal dos problemas da escola não reside apenas nesta questão, embora aparentemente pareça ser porque diz respeito ao resultado de todo o trabalho desenvolvido pela escola. Como os professores não possuem ainda um entendimento satisfatório dos referenciais que embasam a nova proposta de avaliação, sentem dificuldades de encaminhá-la em sua prática pedagógica na sala de aula. Eles parecem aceitar a proposta, por perceberem que ela é melhor que a antiga, porém não a adotam totalmente. Os professores utilizam algumas estratégias, para não caracterizar prova, como não marcar o dia dos exercícios avaliativos e não dar notas. Pudemos observar através dos questionários e dados juntos aos dados que, na prática,

não está realmente acontecendo mudança. Eles demonstraram muita insatisfação e uma grande vontade de retornar ao sistema antigo de avaliação. Isto é claramente percebido quando comparam o sistema anterior com o atual, indicando que, pelo menos, no antigo, sabiam quando teriam provas e quantos pontos faltavam para passar ou reprovar. Hoje, segundo eles, "são pegos de surpresa". A nova proposta tinha a intenção de mudar a postura de professores e alunos frente à avaliação no sentido de atuar na construção do conhecimento, desmistificar o terror da prova e da avaliação, para estimular o aluno a estudar para aprender e não apenas para passar de ano. Cabe ressaltar, ainda, que o objetivo do projeto era tornar a avaliação um instrumento de diagnóstico, para que professores e alunos pudessem superar as dificuldades encontradas no processo ensino-aprendizagem. No entanto, ainda prevalece o mito da prova e a supervalorização da nota. Constatamos que o novo projeto de avaliação, de cunho progressista e inovador, ainda não provocou alterações na postura do educador.

Eles continuam usando a avaliação de forma opressiva e tradicional. É possível que professores e alunos não se integraram ao novo tipo de avaliação, pois a partir do momento em que se implanta um novo projeto em condições estruturais de ordem técnico-pedagógica tradicional, a postura reformista acaba por promover uma desarticulação na prática pedagógica. Não se identificando com a nova proposta, o professor perde a sua referência como sujeito e profissional do processo, deixando o aluno inseguro e residente ao novo. Dessa forma, não há concretização do projeto. Todavia, acreditamos que a tentativa de mudar o sistema de avaliação é positiva, uma vez que tem impulsionado reflexões profundas sobre os problemas que atingem o processo educativo. Essa é uma via para avançar o projeto na escola. No entanto, faz-se necessário repensar o currículo na sua totalidade como construção social do conhecimento, discutir os objetivos da escola, os conteúdos a serem trabalhados nas diferentes disciplinas e a forma de desenvolvê-los e de avaliá-los.

"Uma grande parcela dos professores apresentam um discurso progressista mas demonstram uma prática bastante tradicional"

UM "OLHAR" ESTRANGEIRO SOBRE A COMIDA AÇORIANA

Prof.^a Gláucia de Oliveira Assis

O ato de comer é para nós, brasileiros, carregado de significados. Pois, assim como o futebol, a saudade, o jeitinho brasileiro, as mulheres, a comida constitui-se num dos elementos de nossa identidade nacional. A comida com os seus significados, ao mesmo tempo que nos integra, exprime também nossa diversidade cultural. De norte a sul do país encontramos "pratos típicos" que caracterizam a comida mineira, baiana, capixaba e catarinense. Assim, quando viajamos pelo Brasil encontramos diferentes hábitos alimentares, que revelam modos diversos de classificar o doce, o salgado, o cru e o cozido e, no melhor estilo de investigação antropológica, acabamos por estranhar o que aparentemente nos é tão familiar - o ato de comer.

Cheguei a Florianópolis em 1992. Conhecia pouco de sua história e sua gente. Embora uma imigrante, o encantamento com a exuberância e beleza dessa ilha assemelhava-se ao dos viajantes que por aqui aportaram no século XVIII e XIX, naquele momento, sentia-me também uma viajante descobrindo o exótico.

Nesta viagem de descoberta, a cultura açoriana, característica da ilha, foi desvelando-se no cotidiano através do falar ilhéu, das rendeiças de bilro, da farrado-boi, do boi-de-mamão e da comida. Um dos aspectos que encanta aqueles que por aqui "aportam" é a culinária açoriana. A comida dos nativos é saborosa não apenas pelo seu tempero, mas por revelar um jeitinho açoriano de lidar com o ato de comer. O pirão de peixe, a farinha de mandioca, o peixe cozido constituem a dieta alimentar de uma parcela significativa da população, que é compartilhada no universo da casa com amigos, parentes ou aqueles que vivem sob o mesmo teto, constituindo-se também num momento de encontro, de prazer, de celebração das relações sociais.

Desta forma, assim como em outras partes do Brasil, a comida não é apenas um substrato orgânico nutritivo, mas é também um modo, um estilo e um jeito de alimentar-se, pois opera um universo simbólico que vai além da satisfação das necessidades básicas. Come-se pelo cheiro, pelo sabor, pela estética, pela boa companhia e também para nutrir-se. Roberto DaMatta (1989) chega a dizer que "no fim, não se sabe se foi a comida que celebrou as relações sociais, ou se foram os elos de parentesco, compadrio e amizade que estiveram a serviço da boa mesa".

Atualmente observa-se que esses hábitos alimentares vem passando por um processo de modernização, como uma das facetas de nossa integração ao mundo globalizado.

Este processo de globalização é acompanhado de modificações no plano tecnológico - melhoria das comunicações, dos meios de transporte, fazendo com que regiões distantes entrem em contato de forma rápida, que culturas se relacionem com tal intensidade, que a impressão é que vivemos numa Aldeia Global.

Embora a tendência da globalização seja a diminuição das diferenças num processo homogeneizador, no plano cultural ela convive com reinterpretações dos indivíduos que vivem estes processos de estar entre o local e o global. As mudanças e permanências nos hábitos alimentares são um bom exemplo desse processo.

Nesta cidade com um ar provinciano, repleta de servidões e ruelas bucólicas, seus casarões e regiões tradicionais, emerge no cenário um outro modo de comer - os fast-foods. Os fast-foods seriam um exemplo dessa globalização. A comida rápida, padronizada e diversificada expandiu-se muito nesses

últimos anos: o processo de aceleração do tempo provocado pela urbanização chegou ao ritual de comer. Deve-se comer rápido, preparar rápido o alimento para que as pessoas possam retornar ao tempo de trabalho, transformando assim o significado do ato de comer, que se torna um ato individualizado.

Ao transformar o ato de comer em um ato individualizado, uma mudança cultural muito significativa entrou em curso, pois a comida transforma-se em alimento, para manter-se vivo, em algo universal e geral, distante da casa, das relações familiares, dos amigos perdendo-se relação de comer com prazer para celebrar a comunhão, para saborear, para se identificar, para nos encontrarmos.

Se por um lado, esse processo de globalização nos causa espanto e uma impressão de homogeneização cultural, por outro, conforme Rial (1992) demonstrou ao analisar os fast-foods, estes contraditoriamente representam, tanto o processo de globalização cultural, quanto a reafirmação das identidades locais.

Nesse sentido a homogeneização ou padronização cultural não ocorre numa via de mão única. Um bom exemplo disto são os fast-foods aqui, embora semelhantes aos de outros lugares no mundo, trabalham em outro ritmo, contrariando a expectativa de uma hegemonização radical (Rial, 1992).

Nesse momento, um sentimento luso-brasileiro, a nostalgia, leva os habitantes locais e os turistas a procurarem alternativas para romper com esse processo de homogeneização que muitas vezes parece-nos inexorável. Num desejo de voltar no tempo e romper com essa mudança que separa a comida, do prazer e da partilha, procuram os recantos da ilha onde o tempo parece em estado de suspensão e pode-se saborear uma comida feita sem pressa, que traduz na sua cozinha a própria identidade açoriana.

Ao pegarmos um carro ou um barco em busca desses pratos "típicos", experimentamos sensações semelhantes aos viajantes que por aqui passaram, que no entanto tinham um sentimento diferente em relação aos hábitos alimentares locais. Como esses viajantes relatam esses hábitos?

Os relatos de viagem do séc. XVIII e XIX nos convidam para um deslocamento imaginário na ilha que se revela paradisíaca, hospitaleira e alegremente caótica, conquistando os viajantes que por aqui passaram.

Ao descreverem o encontro com este lugar tão diferente da Europa do séc. XIX, os viajantes vão revelando o seu estranhamento com usos e costumes dos habitantes locais - os imigrantes da ilha dos Açores. A simplicidade no vestir, no modo de falar e se alimentar, foram relatadas com certa surpresa diante de um povo de modos pouco refinados, aspecto miserável e, no entanto, um povo feliz que os recebia cordialmente e repartia o pouco que tinham.

As narrativas revelaram os contornos dessa gente através do "olhar" do estrangeiro que nos relatou a chegada à ilha, suas fortificações, a chegada ao porto, as moças, que sob o olhar atento dos pais ou maridos, conversavam e sorriam ao estrangeiro, a vila, suas ruelas, as pessoas que passam e por fim, chegam à casa e por conseguinte à mesa. A comida torna-se o "locus" onde o encontro de culturas é celebrado, pois é com satisfação e honra que os habitantes locais

recebiam o estrangeiro - conforme descreveram Pernetty, Frezier, Langsdorf, Lisiansky. A alimentação básica constituía-se de peixe fresco ou seco ao sol, arroz, milho, mandioca, batatas, legumes e, algumas vezes, carne.

As primeiras impressões revelam esse choque cultural que se traduz num olhar, às vezes etnocêntrico, não apenas sobre aquilo que se comia, mas sobre o modo "pouco refinado" como se comia. Para estes viajantes eram hábitos reveladores do

quanto estávamos distantes do modelo de civilização europeu.

Nos relatos o estranhamento dos viajantes não é apenas o sabor, ou a preparação da comida, mas o modo como comem. Langsdorf, diante dessa diversidade, comenta que a fome é o melhor cozinheiro. Ao chegarem ao

Brasil, esses viajantes vindos da Europa, onde o processo de urbanização crescente e outras transformações decorrentes da expansão do capitalismo, traduzia-se, entre outras coisas, numa expansão do processo civilizador europeu, foram surpreendidos ao aportarem nas vilas por pessoas, mesmo de classes mais abastadas, comendo com as mãos. Assim confrontaram os viajantes:

"A farinha de mandioca era trazida à mesa numa cuia de melão ressequida e uma colher de pau e come-se junto com o que há na mesa ou seca mesmo (...). Chamou-me a atenção na Vila de Nossa Senhora do Desterro que uma senhora de sociedade misturava em seu prato a farinha com os outros alimentos e, segundo o costume da terra, levava-a a boca com a ponta dos dedos. (Langsdorf)".

"Não são mais exigentes com o vestuário que com a comida, milho, batata, peixes e caça, quase sempre macaco. Essa gente, à primeira vista, parece miserável, mas são efetivamente mais felizes que os europeus ignorando as comodidades supérfluas que na Europa se adquire com tanto trabalho (Frezier)".

A habilidade de comer com as mãos, hábito observado em diversas camadas sociais, a capacidade de repartir os alimentos com aqueles que chegavam, a alegria que envolvia o ato de comer, muitas vezes pretexto para festas e danças (ou seria o contrário?) é narrado com um misto de admiração e espanto, pois era revelador de uma outra forma de construir relações sociais tão distantes do modelo europeu.

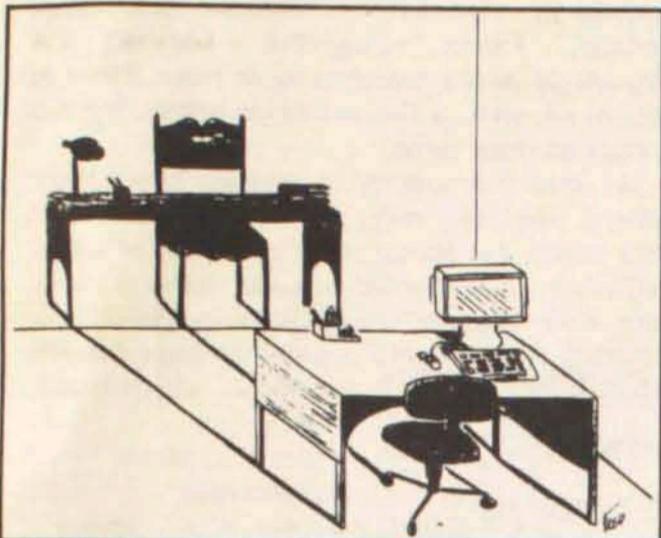
Agora de volta ao começo. Desde os relatos dos viajantes, aos passeios de carro pela ilha, a comida continua a ser um ritual que envolve a partilha, o prazer, o saborear. A comida é pretexto para esses encontros de culturas, para celebrar relações sociais e encurtar distâncias. Dessa forma, embora o processo de globalização integre outros hábitos e ritmos ao cotidiano da antiga vila de Nossa Senhora do Desterro, todos que por aqui passam continuam seduzidos por essa culinária que traduz uma cultura do homem pescador/agricultor que floresceu entre pequenas montanhas e o mar.

"A comida dos nativos é saborosa não apenas pelo seu tempero, mas por revelar um jeitinho açoriano de lidar com o ato de comer"

Gláucia de Oliveira Assis é mestre em Antropologia Social (PPGA/UFSC) e professora do Departamento de Estudos Básicos da FAED

BIBLIOCANTO

Wanja Marques de Carvalho



12 de março: uma oportunidade para que se atualize o conceito de profissional da Biblioteconomia e Documentação.

→ A caixa de sugestões da Biblioteca está afixada no armário ao lado direito da entrada principal; faça uso do seu direito de participar no projeto de melhoria e otimização do espaço físico.

→ A estruturação do novo visual das estantes se deve ao espírito de equipe do pessoal da Biblioteca, aliado à "performance" da Léa, bibliotecária de referência, no computador, e à criatividade das sugestões do Roberto - balcão de referência.

→ Estamos afixando no mural da Biblioteca/Núcleo Tecnológico, as notícias veiculadas nos jornais diários e que se reportam a assuntos relacionados às áreas de atuação de nossos cursos de graduação, ou que sejam consideradas de interesse da comunidade.

→ Recebemos excelente material bibliográfico através de doações diversas, porém tão cedo não estarão disponíveis nas estantes. A BU está em fase de desarticulação e só está realizando o processamento técnico de material que já se encontra em suas dependências. A Setorial da FAED está aguardando a bibliotecária que nos será destinada e que virá unicamente para a execução desses processos.

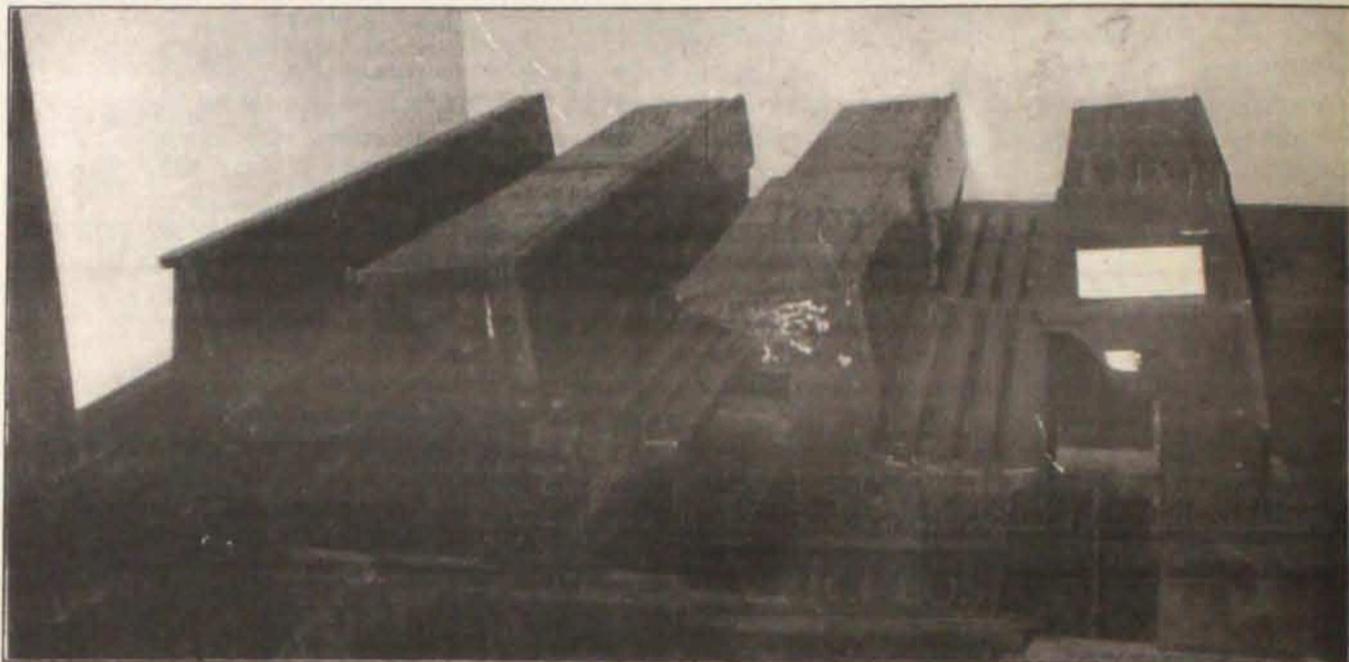
→ Alertamos nossos usuários (professores, alunos e funcionários) de que estamos cumprindo a Resolução nº 032/95 - CONSEPE, que regulamente os procedimentos de empréstimo e consulta do acervo. A referida resolução está afixada no mural e foi divulgada em número anterior do Jornal da FAED, nesta coluna.

OS CAFUZOS EM FOCO

No mês passado, Pedro Martins, professor de Antropologia e atual Diretor de Ensino do CEART, publicou obra intitulada "Anjos de Cara Suja" (Vozes), que aborda a história da comunidade cafuzada de José Boiteux (SC). Parabéns pelo relevante trabalho.

QUALIDADE

No Projeto de Qualidade Total da UDESC, a FAED sai na frente: cumpriu o calendário estabelecido para a 1ª fase do método "5S" e foi o único Centro a realizá-lo. A Biblioteca Setorial da FAED realizou seu Projeto "Carga Rápida", agendado para dezembro de 95, contando apenas com o esforço físico e criativo dos funcionários, pois não foi atendido, pela Reitoria, no item do projeto que especificava o material necessário para sua implementação. Pelo que se sabe, a equipe que iniciou nos grupos coordenadores está procurando substitutos. O motivo aparente é a demora em se obter resultados concretos.



Acervo fotográfico do Museu da Escola

NAPE

NÚCLEO DE APOIO PEDAGÓGICO III Ciclo de Estudos e Debates

11/04/96 - "O pensamento de Henry Wallon".
Palestrante: Prof. Dr.ª. Ida Maria Freire. Local: DAPE (19:00 horas).
30/04/96 - "Mitos de Espiritualidade. Mulheres negras - exercício de cidadania". Palestra e lançamento do livro da Prof. Dr.ª. Helena Teodoro. Local: Auditório da FAED (19:00 horas).
Reuniões do NAPE: todas as quintas-feiras, às 09:00 horas, na DAPE.
Reuniões do GT Educação e Desigualdades Raciais: todas as quartas-feiras, às 09:00 horas, também na DAPE.

NEA

NÚCLEO DE ESTUDOS AMBIENTAIS

O NEA informa as atividades de extensão previstas para o 1º semestre/96:
- Palestra: "Gestão do lixo: um sistema de apoio à decisão através de metodologia multicriterial". Data: 29/03/96 (09:00 horas). Palestrante: Prof. Dr.ª. Sandra Sulamita Baasch (UFSC). Local: DAPE.
- Seminário: "Desenvolvimento Humano Sustentável". Data: 26/04/96 (09:00 horas). Ministrante: Prof. Genebaldo Freire Dias (IBAMA-DF). Local: DAPE.
- Curso: "Política Ambiental Internacional: pós-modernidade e os desafios de um resgate civilizado". Previsto para o mês de maio, em data a confirmar. Carga horária: 20 h/a.
- Mesa Redonda: "Parque Estadual do Tabuleiro: atividades em Educação Ambiental". Participantes: Shigueko Terezinha Ishiy Fukahori - FATMA; Ten. Carlos Scariot - Polícia Ambiental. Data: 28/06/96 (09:00 horas). Local: DAPE.

MUSEU DA ESCOLA

- Aberta ao público, de 22 a 29/03, a Exposição do acervo do Museu da Escola Catarinense e da coleção da Família Kehrig, em Santo Amaro da Imperatriz.

EGRESSOS DE HISTÓRIA NO MESTRADO

Neste ano, quatro ex-alunos do Curso de História da FAED ingressaram em Cursos de Mestrado de Florianópolis. São eles: Mauri Antônio da Cunha (Mestrado em Sociologia Política da UFSC); Vanessa Gandra Dutra Martins (Mestrado em Educação e Cultura da UDESC); Karin Parmegiani Pereira (Mestrado em História da UFSC); Lea Maria Ferreira Vedana (Mestrado em História da UFSC)

NES

NÚCLEO DE ESTUDOS DA SEXUALIDADE

- Projeto "Sexo, mentiras e videotapes" (1ª etapa): vídeo e debates (de 22 a 26 de abril), às 19:00 horas, no Auditório da FAED).
- O NES no ENDIPE: A equipe do NES estará presente no VIII ENDIPE, participando de um "work shop" e de um painel sobre o tema "Educação Sexual na Prática Pedagógica e no Ensino de Educadores".
- O NES cumprimenta o Prof. Dr. César Aparecido Nunes, do Curso de Especialização em Educação Sexual, pela brilhante defesa de Tese de Doutorado, ocorrida em 22 de março, na UNICAMP. Parabéns!
- Vem aí a I Jornada Catarinense de Educação Sexual. O evento está previsto para os dias 15 e 16 de agosto.

NUCA

NÚCLEO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

O NUCA promove o "Encontro de Educadores de Meninos e Meninas de Rua", nos dias 25 e 26 de abril, às 08:00 horas, no ITESC.

GEOGRAFIA

- O Laboratório de Geologia e Mineralogia recebeu da ELETROSUL, um conjunto de fotografias aéreas, que cobrem partes dos Estados de Santa Catarina e Paraná, ao longo de linhas de transmissão de alta tensão. Esta doação irá facilitar sobremaneira o desenvolvimento da disciplina "Aerofotointerpretação e Sensoriamento Remoto". O Laboratório conta, agora, com uma bolsista, para organização e empréstimo do acervo. Horário de atendimento: das 07:30 às 11:30 horas.
- A nova grade curricular do Curso de Geografia está em processo final de análise e discussão. Reuniões às terças-feiras, às 14:00 horas, na DAPE. (Sala do RET).

VIII ENDIPE

No período de 7 a 10 de maio, realizar-se-á em Florianópolis o VIII ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, sob a organização conjunta do Centro de Educação (CED/UFSC) e do Centro de Ciências da Educação - (FAED/UDESC).

O ENDIPE realiza-se a cada dois anos, sendo um evento reconhecido - nacional e internacionalmente, pelo seu significado no meio acadêmico. É um dos espaços em que os professores e pesquisadores da área do conhecimento da Didática da Prática de Ensino e das metodologias específicas têm a oportunidade, não só de apresentar seus trabalhos e debater questões teórico-práticas relacionadas com o ensino e a pesquisa, mas adquirir novos conhecimentos.

Tema Geral do Encontro: **FORMAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO DO EDUCADOR**, abrangendo cinco eixos temáticos: Teoria da Didática; Ensino e Pesquisa em Didática, Metodologia e Prática de Ensino; Educação e Novas Tecnologias; Prática Pedagógica e Currículo e Condições de Trabalho e Carreira Docente.

As inscrições estão abertas e o valor será diferenciado conforme discriminação abaixo:

	Até 5 de abril	Após 5 de abril
Prof. universitário	R\$ 30,00	R\$ 40,00
Prof. não universitário	R\$ 20,00	R\$ 30,00
Estudante	R\$ 15,00	R\$ 20,00

Maiores informações na Secretaria do ENDIPE/ CED/UFSC: Caixa Postal 476, CEP 88010-970, Florianópolis - SC. Fone (048) 231-9905, Fax (048) 233-5351, E-mail endipe@ced.ufsc.br.

Outras informações para hospedagem de grupos, contato junto à PROCOM/UDESC, fone (048) 234-2000, ramais 140 e 151, com Zélia, no período matutino.

GSPP RETOMA COLÓQUIOS SOBRE CURRÍCULO

Neste ano, o Grupo de Sistematização do Projeto Pedagógico voltou a organizar colóquios sobre currículo, que objetivam fornecer subsídios teóricos para alavancar a reestruturação curricular. Para o primeiro semestre estão programados cinco encontros/debates, sendo que cada um deles é baseado num texto previamente preparado.

Assim, no dia 25 de março realizou-se o 2º colóquio, calcado no texto "A política do conhecimento oficial: faz sentido a idéia de um currículo nacional", de Michael W. Apple, apresentado pela Prof. Elisa Maria Quartiero. Além de membros do GSPP, estiveram presentes os coordenadores de curso de graduação e a Pró-Reitora de Ensino. A discussão foi proveitosa e prazerosa.

O 3º colóquio será realizado no dia 15 de abril (segunda-feira), das 09:00 às 11:30 horas, no Plenarinho. O texto base será "Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular", de Henry A. Giroux e Roger Simon (cuja cópia encontra-se no xerox do Márcio), que será comentado pelas Professoras Elisa Maria Quartiero e Gladys Mary Teive Auras.

VIII ENDIPE ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO



7 a 10 de maio de 1996
Florianópolis/SC

Tema:
**FORMAÇÃO E
PROFISSIONALIZAÇÃO
DO
EDUCADOR**

PROMOÇÃO

Universidade do Estado de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação/FAED
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação/CED

EXPOSIÇÃO DE ARTE TUPI-GUARANI

No saguão da FAED será realizada, entre os dias 15 e 26 de abril, exposição de objetos artísticos dos índios tupi-guarani, tribo Mbejá, residentes em Massiambu e Morro dos Cavalos (Palhoça). A promoção é da Senhora Neusa A. de Sá Mattos e do Núcleo Tecnológico Instrucional, com apoio da Direção da FAED e do DAOM.

A abertura será dia 15/4/96, às 19:00 horas, no Auditório da FAED. Durante a exposição estarão à venda objetos artísticos produzidos pelos tupi-guaranis. Maiores informações com Bernadete, no NTI (fone 222 5722) ou com a Senhora Neusa (fone 222 3807)

CURSOS DE CULTURA AÇORIANA

O Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas promove, na Universidade dos Açores, entre os dias 15 de julho e 02 de agosto, cursos referentes à realidade geo-sócio-cultural açoriana. Aos participantes serão assegurados alojamento e alimentação gratuitos e o pagamento de 50% do custo das passagens. As inscrições estarão abertas entre os dias 1º de março e 30 de abril. Formulários para a inscrição com a Prof. Silvia Maria Favero Arend, do Departamento de Estudos Geo-Históricos.

ADFAED

Prof. Ana Maria Juliano

A Assembléia Geral Extraordinária do dia 20 de março p.p. decidiu por unanimidade que a associação deveria ressarcir os professores que tiveram seus tickets-alimentação furtados em novembro passado. Para tanto, será utilizado todo o saldo existente no caixa: R\$ 2.400,00 (dois mil e quatrocentos reais) e o restante, R\$ 800,00 (oitocentos reais), será emprestado da FIEPE e pago com uma quantia mensal fixa. Dessa maneira, os 18 professores terão seu prejuízo anulado.

Todos os esforços junto à Reitoria e à ASUDESC foram tentados, mas não obtivemos sucesso, não havendo nem mesmo uma tentativa de acordo para a solução do problema.

NOVA DIRETORIA - BIÊNIO 96/98

Foi realizada, no dia 29 de março p.p., a eleição para a diretoria da ADFAED - S. Sind. Houve apenas uma chapa inscrita:

Presidente: Ana Maria R. Juliano
Vice-Presidente: Jimena Furlani
Secretária: Maria Paula C. Marimon
Tesoureira: Gláucia de Oliveira Assis

Conselho Fiscal:

Efetivos:

- Waldir Berndt (10 votos)
- Sérgio de Oliveira Ramos (8 votos)
- Bárbara Giese (5 votos)

Suplentes:

- Ione Ribeiro Valle (4 votos)
- Paulino de Jesus F. Cardoso (2 votos)
- Luiz Felipe Falcão (1 voto)

Os números obtidos foram os seguintes:

- Votantes: 32 professores
- Votos válidos: 29
- Votos nulos: 0 (zero)
- Votos em branco: 3

A posse da nova diretoria será no próximo dia 10 de abril, às 18:00 horas, no Auditório da FAED. Logo após haverá recepção aos novos professores.

O Diário Oficial do Estado de SC, nº 15.372, de 21/02/96 (quarta-feira), publica Extrato de Portarias nº 002/96 e 013/96, de 08/02/96, que designa Héber Silva Poeta, atual presidente da ASUDESC, para a função de Assessor de Gabinete FC-4.

FEDERAL CARD UNIVERSITÁRIO

A Caixa Econômica Federal, através da Agência Anita Garibaldi, oportuniza a você universitário acesso ao cartão de crédito internacional sem comprovação de renda, com preço promocional para você estudante. (3x R\$ 8,00)

Condições básicas:

-Estar matriculado regularmente / apresentar espelho de matrícula.

Estaremos a disposição no hall deste centro universitário, no período de 08 a 12 de abril 96, após estaremos atendendo na rua Felipe Schmidt 249 - ARS.

Fone: 224-8355 ramal 32 / 39.

LUGARES COMUNS

Jairo Cardoso

Assim mesmo, sem "tracinho" - o purista recomendaria "hifen", mas nunca lembro como se acentuam as paroxítonas terminadas em *n*, sem recorrer ao pai dos burros. Por uma questão de consciência, prefiro chamar o diacrítico pelo apelido. Não fica bem posar de preciosista com a escora do dicionário. Enfim, não vamos discutir a estrutura da língua, há gente mais capacitada para ditar regras que ninguém entende. E depois, esta crônica está dando muitas voltas, antes de entrar no assunto pretendido. Já gastei boas linhas do meu espaço e não esclareci que esses lugares comuns não se tratam dos chavões, mas daqueles lugares vazios que as pessoas hesitam em ocupar, nas mesas de uso coletivo dos restaurantes de grande circulação.

Posto isso - e não "isso posto", como esses dias me ensinou Pasquale Cipro Neto, na Educativa, para que me penitencie publicamente de um erro cometido várias vezes; falemos do que interessa. Há mais de dois anos venho almoçando no Centro da cidade, pois meus horários não permitem a comodidade de almoçar em casa. Selecionei dois ou três estabelecimentos, desses tão em voga, que vendem refeições em quilo, e lá estou pontualmente ao meio dia, para a suprema degradação da raça humana: a obrigação de comer. Nem escrevo *necessidade*, muito menos

alimentar-se. Eufemismos se prestam aos livros de biologia, nos quais também aprendemos que morreremos de inanição, se não ingerirmos as calorias indispensáveis. Pessoalmente continuo achando *morder*, *mastigar* e *engolir* coisas horróricas, não sei por que fazem parte dos nossos festejos. E não se atrevam a criticar-me por questionar a beleza da alimentação num país de famintos: sofri muito sendo forçado a *comer* espinafre, vocês, que estudam Foucault e Piaget devem compreender-me.

Também compreendo as pessoas que arrumam seu pratinho e olham ansiosas para os lados, procurando uma mesa vazia. Comer porque se tem fome é tão revelador, natural desejaram privacidade.

Ninguém gosta de sentir-se humano ao lado de estranhos. Mas nem sempre esses misantropos cotidianos procedem com a devida sutileza: é corriqueiro percebê-los à espreita de um omnívoro saciado, que de repente proporciona o almejado isolamento, abandonando o altar dos sacrifícios. Entretanto, o movimento aumenta com o tempo e não resta outra alternativa, senão invadir o espaço do próximo, quais convivas indesejados. Como se não bastasse compartilhar incômodas presenças, há o *garçon* perguntando

o que iremos beber. Resmungamos desolados que preferimos água mineral a refrigerante; além da arcada dentária, exibimos nossa voz. A primeira garfada apenas inicia a celebração do constrangimento.

Meu camarada Luiz Alberto, primeiro leitor desta crônica, é cúmplice nesses rituais segregacionistas. Não sentamos na terceira mesa do Café Central, para beber expressos e falar da vida alheia, se alguém tiver chegado antes. Ficamos debruçados no balcão, território solidário. Se por um acaso nos convencemos de que uma mesa de quatro lugares, ocupada por duas pessoas, pode abrigar mais duas, recebemos o silêncio como resposta, como se fôssemos sair

por aí espalhando insondáveis segredos. Não raro cortamos conversas animadas, os faladores levantam-se ofendidos e simplesmente vão embora. Ainda sentimos muito medo do diálogo informal, fico pensando em quanta filosofia revolucionária não se deixou criar, por causa da desconfiança. Sartre escreveu *O Ser e o Nada* num café de Paris, analisando os frequentadores, enquanto a nós, pobres miseráveis, resta concluir que estamos - e talvez sejamos - irremediavelmente sós.

"Ninguém gosta de sentir-se humano ao lado de estranhos"

DAVIS E DIETRICH, INESQUECÍVEIS

Chegaram às locadoras *Ex-Lady* e *Shanghai Express*, estrelados, respectivamente, por Bette Davis e Marlene Dietrich, musas do cinema americano da década de 30. *Ex-Lady* (*Amante de seu Marido* é o título ridículo que recebeu em português), filmado em 1933, chocou o público da época, contando a história de uma mulher, Helen Bauer, que só queria ser independente - o que incluía trabalhar, morar sozinha e viver um relacionamento afetivo sério sem o crivo do casamento. Hoje em dia, quando as mulheres não trabalham mais por convicção, mas por necessidade, nem as comadres levantariam as sombrinhas para defender os valores familiares. Na primeira metade do século, porém, não houve quem não acusasse o filme de imoral, afinal imperavam os rígidos Códigos de Censura.

O enredo em si não apresenta maiores surpresas: Helen Bauer apenas deseja provar para seu namorado, Don Peterson (interpretado por Gene Raymond), que podem viver juntos sem morar na mesma casa. Don não se convence e insiste no casamento, que acaba acontecendo. Mas logo depois o casal se separa, pois Bette Davis não estava mesmo a fim de fazer o papel de *Lady* - coisa que nunca esteve, basta lembrar *Jezebel*, de William Wyler, que lhe valeu o *Oscar* de melhor atriz em 1938. Helen e Don terminam juntos, morando em casas separadas, mas não faz mal contar o final, pois o filme não deixa de ser previsível. Com algumas concessões, é um importante documento histórico, retratando um dos aspectos da luta das mulheres pela igualdade de direitos. Para os cinéfilos, a direção correta de Robert Florey não empolga, Gene Raymond está muito canastrão, mas a interpretação de Bette Davis sobreviveu ao envelhecimento. Os fãs da *Malvada* não podem perder.



Shanghai Express (*O Expresso de Shanghai* - desta vez, quem traduziu o título preferiu o óbvio), realizado em 1932, é um filme mais exótico, ambientado no extremo oriente, cheio de mandarins e bangalôs. Também diverte mais a história da prostituta Shanghai Lily (os passageiros diziam que Marlene era prostituta, mas não acreditei muito) e do capitão inglês Donald Harvey (Clive Brook).

Lily e Donald conheceram-se, apaixonaram-se e separaram-se, encontrando-se algum tempo depois - coincidência - no mesmo trem, com destino a Shanghai. Entre os vários estrangeiros do vagão está um suspeito comerciante, que tenta sem sucesso conquistar Lily. O trem é seqüestrado por rebeldes chineses, liderados pelo comerciante, que toma o capitão como refém. Lily tenta salvar Donald, oferecendo-se em troca. É claro que o líder dos rebeldes aceita a barganha, mas o capitão, com toda aquele cavalheirismo britânico, não quer saber de conversa. O final impressiona mais, mas não chega a ser surpreendente. É bastante romântico, bem ao gosto das platéias de outrora. Quanto à história, se não envelheceu tanto, também não tem maiores pretensões. A direção de Josef Von Sternberg é apenas competente, sem maiores destaques. Merece referência o desempenho dos atores coadjuvantes, alguns muito divertidos.

Assim como *Ex-Lady*, *Shanghai Express* é filme para aficionados e nostálgicos, ou, pelo menos, para quem quer conhecer um pouco mais do cinema de antigamente. O lançamento dos dois títulos ainda não foi divulgado pelas revistas especializadas, mas as fitas já estão disponíveis na *Raro Efeito Central de Vídeo*, para os apreciadores dos velhos tempos...

J.C.

SOBRE OS AÇORES

David Medeiros Chaves emigrou para o Brasil em 1952, como tantos outros açorianos. Depois de trabalhar em vários serviços, arranjou um emprego de copeiro na "Confeitaria Pirajá", em Ipanema. Copeiro é um posto acima do cozinheiro e abaixo do *garçon*, na hierarquia dos bares e restaurantes. Prepara as bebidas e os aperitivos e aparece muito pouco, cabendo ao que trata diretamente com os fregueses o grosso das gorjetas. Mas um dia o *garçon* faltou e o dono da confeitaria escalou David para atender um senhor de baixa estatura, impecavelmente trajado com um terno de linho branco. Pois aquele senhor interessou-se pelo sotaque do açoriano e convidou-o a sentar-se em sua mesa: não era ninguém mais, ninguém menos, que Getúlio Vargas, presidente da república. Getúlio inclusive ensinou a David que, no Rio Grande do Sul, os açorianos são conhecidos como "açoritas". Eu não sabia, mas acabei aprendendo com a leitura de "Mares, e Longínquos Povos dos Açores", de Mariléa M. Leal Caruso e Raimundo C. Caruso, ela professora universitária, ele jornalista e escritor.

Publicado no final do ano passado, pela Editora Insular, a partir das anotações de viagem do casal, o livro cativa pela linguagem jornalística, quase coloquial. E realmente a oralidade predomina ao longo de suas 238 páginas, pois grande parte da obra compõe-se de relatos de conversas com figuras pitorescas do arquipélago. Há também depoimentos de profissionais de diversas áreas, sobre o passado e atualidade dos Açores, além de uma bem selecionada coletânea de fotografias. A primeira edição apresenta alguns problemas de revisão, que não chegam a comprometer o conteúdo. A segunda já está nas livrarias, completamente revisada, prova de que o livro foi muito bem aceito pelo público e pela crítica. Para aguçar a curiosidade, Caruso conta que não encontrou o "manezinho", pelo menos como nós conhecemos, em nenhuma ilha das sete que visitou. Mas quem quiser saber qual é a opinião do autor sobre o assunto, que compre o livro, ou peça emprestado para um amigo, como foi o meu caso.

J.C.